Mulheres investigadoras sofreram mais com a pandemia

jn.pt/nacional/mulheres-investigadoras-sofreram-mais-com-a-pandemia-14704692.html

22 de março de 2022

O Centro de Estudos Sociais (CES) da Universidade de Coimbra concluiu que a pandemia contribuiu para um agravamento das desigualdades estruturais na academia, em especial as que afetam mulheres, docentes e investigadoras/es com dependentes a seu cargo.

Coordenado pela investigadora Virgínia Ferreira, do CES, o estudo "Pandemia e Academia em casa - que efeitos no ensino, investigação e carreira? Estudo sobre as mudanças no sistema científico e de ensino superior" teve como objetivo conhecer as estratégias de adaptação ao trabalho docente e de investigação sob a covid-19, por instituições e pelos diferentes grupos que compõem o pessoal académico.

Em declarações ao JN, Virgínia Ferreira afirmou que o ponto de partida para este estudo foram as notícias que se começaram a ouvir na comunidade academica durante o primeiro confinamento, em março de 2020, e que aludiam "às dificuldades que as mulheres estavam a ter na sua investigação científica".

"O facto de estarmos a fazer um ensino online de emergência e de reconhecer as dificuldades que isso representava" motivou a apresentação do projeto em maio de 2020, com a recolha dos dados entre março e abril de 2021.

Investigadoras com filhos tiveram mais dificuldades

Os resultados do estudo empírico financiado pela Fundação para a Ciência e a Tecnologia - FCT, em linha com as conclusões de outros estudos internacionais, demonstram que as transformações provocadas pela covid-19 nas atividades de ensino e investigação em Portugal fizeram emergir novas fontes de desigualdades entre mulheres e homens e entre pessoas com agregados familiares de composição diferenciada.

"Tínhamos uma expectativa que os resultados se aproximariam do que aconteceu", afirmou Virgínia Ferreira. "Talvez não esperássemos assinalar que tivéssemos, nos 1750 inquéritos uma divisão de opinião entre o corpo docente e os investigadores relativamente às medidas tomadas pelas instituições."

O CES revelou que "uma parte criticou as instituições por não oferecerem as condições necessárias, enquanto a outra parte compreendeu que as instituições não estavam preparadas, considerando que as condições eram da responsabilidade individual (como mobiliário, computadores, internet, programas informáticos, entre outros)".

De acordo com a nota de imprensa, o CES salienta também que cerca de 80% da amostra não tinha tido experiências prévias de ensino por meios virtuais e não tiveram qualquer preparação pedagógica para tal. Isto contrasta com a geração de alunos que vieram a ensinar - que nasceram na "era digital" - e que mostravam maior aptidão na troca da sala de aula pelos écrans.

Tendências que se podem agravar no futuro

O estudo também reporta que quase 57% das mulheres tiveram um aumento no tempo dispendido no atendimento e acompanhamento de estudantes (em contraste com 45,8% dos homens) e em tarefas de gestão desempenhadas para as instituições durante a crise pandémica (47,7% para as mulheres versus 39,9% para os homens).

"Verifica-se uma desigualdade na distribuição do trabalho académico", complementa Virgínia Ferreira, e que "retira tempo daquilo que pode dar prestígio à carreira" das investigadoras. A coordenadora do projeto alerta, com base em outros estudos que têm sido publicados em paralelo, que o pós-pandemia pode ter levado a um crescimento desta tendência.

Este projeto baseou-se num plano de investigação misto, com recurso a pesquisa de secretária e a inquérito. Com 1750 questionários validados, 4 entrevistas focalizadas de grupo, com um total de 31 participantes, e 7 entrevistas a representantes de entidades relevantes para o sistema do ensino superior e científico necessário. A recolha de dados decorreu de março a abril de 2021.